

DA *MISSIO DEI* À *IMAGO DEI*: NÓS HOMENS E MULHERES FEITOS À IMAGEM DE DEUS

por Alessandro Rodrigues Rocha¹

Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. *Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.* E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gl 3.24-29)

A *Missio Dei* existe para a afirmação da *Imago Dei*. O que é que quero dizer com essa breve expressão? Ou antes, o que ela significa? A Missão de Deus existe para a afirmação da Imagem de Deus! A missão que Deus nos dá de anunciar seu reino, de espalhar a Boa-nova, que é seu evangelho, tem como finalidade última a afirmação da imagem de Deus comunicada a todos os homens e mulheres. Anunciamos o reino para garantir a dignidade filial aos filhos e filhas de Deus, que nele encontram sua radical igualdade.

Há muitas coisas que igrejas e pessoas precisam assumir como elementos da *Missio Dei*. Há muitas violências frutos dos pecados que são cometidas contra os filhos e filhas de Deus no

¹ Alessandro Rodrigues Rocha é pastor de tradição batista, teólogo, doutor em Teologia pela PUC-Rio e pós-doutor em Letras pela PUC-Rio. E-mail: souprotestante@gmail.com.

sentido de roubar-lhes a *Imago Dei*. Violências cometidas por eles e por elas, por homens e mulheres que desfigurados de sua imagem original prestam-se a violar a sacralidade da dignidade humana. É certo que a igreja de Cristo ao longo da história tem se esforçado para cumprir a *Missio Dei*. No entanto também é certo que aspectos dessa missão ainda estão por serem assumidos. Dentre esses destaco a radical igualdade entre homens e mulheres no que diz respeito a serem ambos *Imago Dei*.

Afirmar a igualdade e dignidade de homens e mulheres como imagem filial de Deus é missão da igreja. Porém, infelizmente, tal missão nem sempre tem sido priorizada, chegando às vezes até mesmo a ser sonogada. É exatamente por isso, por essa dificuldade de a igreja perceber tal dimensão de sua missão, que se faz necessário priorizá-la, trazendo-a para o centro da agenda de nossas reflexões e atividades. É preciso que tanto nossa teologia quanto nossa prática eclesial assumam como tarefa urgente aquilo que o evangelho nos impõe.

Tomarei um trecho da carta de Paulo aos homens e mulheres da igreja da Galácia para responder às possíveis perguntas pela origem de tal igualdade que aqui estou dizendo ser a vocação de todos e todas, bem como uma das tarefas da igreja em sua reflexão e prática. O texto aos Gálatas nos é conhecido: “*Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus*”. Mas o que significa dizer que não há “homem nem mulher”? Significaria afirmar o desaparecimento das diferenças e



peculiaridades? Definitivamente não! Não há homem nem mulher significa que a condição de gênero (homem ou mulher) não estabelece mais uma hierarquia entre os seres humanos. Ser homem não é mais do que ser mulher. Ambos gozam da mesma dignidade.

Mas de onde vem a autoridade para poder afirmar que não há homem nem mulher? Em que se fundamenta essa afirmação que pode parecer anárquica aos olhos de alguns (homens e também mulheres)? É simples, o próprio Paulo trata de responder: *“se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa”*. É de Cristo que surge essa novidade da radical igualdade entre todos os filhos e filhas de Deus independentemente de classe social, gênero ou etnia. É de Cristo e em Cristo que brota a afirmação mais plena de nossa imagem filial. É Cristo que assume, e o faz até as últimas consequências, a tarefa de anunciar que todos e todas são herdeiros de Abrão.

Ser herdeiro de Abraão consiste na estatura de dignidade de filho e filha de Deus. Era assim que os religiosos dos dias de Jesus mediam a importância de alguém. Somente os filhos (homens) de Abraão eram dignos. O que Paulo afirma em Gálatas 3.28 é que não só os homens judeus e livres são filhos do pai Abraão, mas todos e todas, sendo isso uma expressão do ministério de Jesus: *“Todos vocês são filhos [e filhas] de Deus mediante a fé em Cristo Jesus”*. Essa novidade de vida, porém, só pode ser experimentada pelos que fizeram a passagem da morte da Lei à vida que emerge da graça: *“Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos*

justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor”.

Por Cristo somos iguais em nossas diferenças! Somos iguais porque todos e todas somos a imagem do Pai, somos herdeiros da promessa. Contudo, somos diferentes. Diferentes em nossas peculiaridades, em nossas sensibilidades, na percepção que temos do mundo, nos lugares sociais que ocupamos. Tal diferença só enriquece as relações humanas. Só que é preciso ter muito claro que tais diferenças não fazem de alguns melhores do que os outros: judeus não são melhores que gentios, homens não melhores que mulheres, livres não são melhores que escravos. Eis a Boa-nova do evangelho!

Essa boa notícia precisa ser anunciada por nossas palavras e relações, desde nossas casas, igrejas e sociedade. É preciso assumir a missão de anunciar a igualdade entre as pessoas, e, como é nosso objetivo neste artigo, anunciar a igualdade de homens e mulheres. Fazer isso não é um modismo ou um tema secundário, mas o centro mesmo de nossa vocação de dizer ao mundo toda a dignidade inerente aos filhos e filhas de Deus. É necessário estabelecer uma *ação missionária permanente*: ir por todo o mundo anunciando a novidade do evangelho que a todos e todas confere a radical dignidade de serem iguais perante Deus, a igreja e a sociedade.

Proponho aqui que essa “ação missionária” tenha pelo menos três frentes onde devemos nos esforçar para atuar de forma permanente: na linguagem, na família e na igreja (e, desta forma, agindo também na sociedade).



- *Na linguagem* – Nós construímos a realidade por intermédio da linguagem. Tudo o que existe torna-se conhecido quando damos seus nomes. Uma cadeira é uma cadeira porque assim a chamamos. Da mesma forma que quando não nomeamos certas coisas elas passam a não existir, ou ao menos ficam invisíveis. Quando alguém se dirige a uma plateia de 99 mulheres e 1 homem e, respeitando a norma culta, diz: “bom dia a todos”, ocorre uma invisibilização do feminino. Da mesma forma quando alguém se dirige à igreja reunida em culto e diz: “Bom dia, irmãos”. Onde estão as irmãs? Alguém pode dizer que isso não tem importância, que é coisa de feminismo. A estes seria bom perguntar como se sentiriam se em todos os momentos em que estivessem numa plateia fossem tratados no feminino: “bom dia a todas”, “boa noite, irmãs”. Nós, homens, não sentimos muito o efeito de não sermos contemplados na linguagem, pelo simples fato de que sempre somos contemplados. O mundo é masculino e o é pela linguagem.

Jesus, porém, pode nos ensinar (se quisermos aprender) muito sobre a missão da igualdade que deve ser desenvolvida na linguagem. O capítulo 15 de Lucas exemplifica isso; ali três parábolas são contadas: a ovelha perdida, a moeda perdida e o filho perdido. As parábolas eram o modo mais original de Jesus comunicar o reino de Deus. Por elas o Mestre dizia as coisas mais difíceis de serem compreendidas. Na primeira das

parábolas de Lucas 15 Jesus utiliza uma linguagem própria do universo masculino extraída do trabalho de pastorear ovelhas. Já na segunda parábola, o Mestre lança mão de uma linguagem do universo feminino: uma mulher que perde em casa uma moeda e se põe a procurá-la, e enfim a festejar com as amigas por ter achado aquilo que havia se perdido. Alguém poderia dizer que com isso Jesus estaria naturalizando os papéis sociais: o homem trabalhando fora e a mulher, em casa. Mas não é isso que o Cristo de Deus está fazendo, antes, pela parábola homens e mulheres são colocados por Deus como aqueles e aquelas que saem a procurar o que estava perdido. Para anunciar essa vocação intrínseca a todos e todas, Jesus busca comunicar-se eficazmente. A linguagem do Mestre não está limitada pela norma culta, está a serviço do anúncio do reino. Ao ampliar sua linguagem, Jesus amplia também o público que seria tocado por sua graça e redenção, fazendo de todos e todas portadores e portadoras da vocação de achar o que se encontra perdido.

Exercício prático – Ao falar e escrever usar expressões inclusivas: irmãos e irmãs, todos e todas, homens e mulheres. Tente se colocar no lugar de quem se sentirá incluído por tal ação. Ao incorporar o feminino na linguagem você estará fazendo um exercício para incorporar o feminino em vida, sensibilidade e missão.



- *Na Família* – Eis o lugar onde se perpetuam as desigualdades e opressões de gênero. Quantos homens de enorme sensibilidade literária, quantos estadistas brilhantes, quantos religiosos carismáticos, chegando em casa experimentam o velho homem machista e opressor. A casa é lugar onde somos quem de fato somos, lugar onde tiramos o sapato e ficamos à vontade, lugar onde emerge em pequenos gestos o nosso verdadeiro eu. E é exatamente no cenário do nosso lar onde tantas vezes nossas máscaras caem e aparece a face do macho opressor e, até mesmo, violento. Eis aí um campo de missão onde a igualdade de homens e mulheres inerente ao reino de Deus deve ser anunciada e, sobretudo, vivenciada. Como nós, homens, podemos traduzir o “não há homem nem mulher” citado por Paulo em nossas vivências domésticas? Dou um exemplo complexo e um muito simples para ilustrar essa dimensão de nossa “ação missionária”. O exemplo complexo é o seguinte: diante de sua mãe, irmã, esposa ou filha como você se sente? Como alguém que deve ser servido, quer na mesa ou na cama, ou como um parceiro que deseja construir algo junto? O exemplo simples serve para confirmar o complexo: você ajuda nas diversas tarefas domésticas ou acha que isso é coisa de mulher? Bem, suas respostas a estas perguntas o ajudaram a perceber se sua família é seu campo de missão no anúncio da digna igualdade entre os filhos e

filhas de Deus, ou se ali você só consegue reproduzir a lógica da desigualdade e da opressão próprias do velho homem.

Sempre me impressiono com a cena do lava-pés. Jesus coloca um avental na cintura, pega um jarro e uma bacia (todos objetos do universo doméstico considerados femininos), e lava os pés empoeirados dos discípulos. Ao final dessa solene cerimônia doméstica Jesus diz aos seus: “vão e façam o mesmo”. E ainda, no finalzinho do mesmo evangelho, tendo ressuscitado, Jesus ficou à beira da praia para encontrar-se com seus amigos e ali lhes preparou uma refeição. Isso também não impressiona você? Então vá e faça o mesmo.

Exercício prático – Que tal partilhar os trabalhos de sua casa com sua mãe, irmã, esposa ou filha? Com isso você estará fazendo muito mais do que simplesmente executando uma tarefa, estará comunicando de forma concreta os efeitos de sua condição de novo homem que compreende a igualdade entre todos e todas.

- *Na Igreja* – Aqui nos encontramos diante de um dos mais persistentes lugares da perpetração da desigualdade entre homens e mulheres. Desculpem se pareço radical nessa minha observação. Mas temos que ter a sinceridade para perceber que as nossas igrejas (com todas as exceções existentes) são espaços masculinos, tanto na linguagem quanto na ocupação de ministérios e funções. Contraditoriamente, são basicamente



as mulheres que trabalham na igreja, mas nos ministérios de liderança, onde as coisas são planejadas, elas estão somente como coadjuvantes. Quase sempre se destina a elas a execução de certos trabalhos onde não participaram na elaboração. Nos campos missionários elas visitam, constroem templos, cuidam das mais diversas necessidades. Mas quando chega a hora de batizar alguém, ou ministrar a ceia, chamam um pastor, que cai de paraquedas na comunidade. Depois de muito trabalho e dedicação, quando a comunidade já está pronta para se tornar uma igreja autônoma, seus nomes não são sequer mencionados para o pastorado e, quando o são, logo chega um grupo de homens da ordem para dizer-lhes que não é da vontade Deus que elas pastoreiem. O que fizeram até aquele momento não foi pastorear? Mas o ministério não lhes é permitido. Quanta opressão, quanto sinal de desigualdade. O que fazemos com as palavras de Paulo que nos diz *“que todos são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”*?

Mais uma vez nosso Mestre e Senhor pode nos socorrer nessa nossa dureza de coração. Ele nunca foi pedra de tropeço para as mulheres no desenvolvimento de seus ministérios: foi a mulher samaritana a primeira a desenvolver o ministério da Palavra junto aos seus conterrâneos; foi Maria Madalena a

primeira a anunciar a ressurreição, mesmo antes dos apóstolos; foi um grupo de mulheres de posse que sustentou financeiramente o ministério de Jesus; à Maria foi dado o privilégio de servir em missão à sua prima Isabel e anunciar a ela as Boas-novas do evangelho com o próprio salvador no ventre. Quando a igreja deu seus primeiros passos de crescimento Paulo se notabilizou na afirmação da igualdade entre homens e mulheres no serviço e na liderança eclesial. O que dizer de Priscila, que tinha uma igreja em sua casa e que foi nomeada por Paulo antes de seu esposo, Áquila (o que na cultura daqueles dias denotava a liderança dela sobre esta igreja); e a diaconisa Febe, que o apóstolo menciona em Romanos 16; sem falar dos inúmeros nomes de mulheres colaboradoras de seu ministério que Paulo cita no mesmo texto. É importante notar que tal vivência da igual dignidade entre homens e mulheres em boa parte no Novo Testamento se deu na contramão da cultura da época. O evangelho de Jesus provocou na igreja a urgência da conversão à lógica do reino de Deus, que não faz acepção de pessoas (quer de homens ou mulheres). Será que o mesmo evangelho não nos pode levar também a essa conversão?

Exercício prático – Dê uma olhada em sua igreja, você é capaz de perceber traços pastorais em alguma das mulheres que ali estão? Você consegue ver o carisma da liderança, da presidência, ou da pregação afluindo na vida de meninas, de



jovens e de senhoras? Imaginando que sua resposta será positiva, por que então tão poucas mulheres estão desenvolvendo tais dons? Que tal ser um promotor da justiça do reino de Deus que quer afirmar na vida da igreja a radical e digna igualdade entre todos os homens e mulheres?

Diante de nós homens encontra-se uma enorme oportunidade de vivência e anúncio do evangelho de Jesus. Diante de nós está a chance de protagonizar uma sociedade mais justa e igualitária nas relações entre homens e mulheres, e fazer isso não como uma mera ideologia, mas como a vontade de Deus para o mundo. Você aceita essa missão?

[Texto recebido em 17/2/2012.]